

Bibliografia:

Garcia, João Carlos *in* Catálogo da Exposição “*O Além Tejo fronteira*”, inserida nas comemorações do aniversário do Exército em 2006 e patente ao público no Palácio do Vimioso, em Évora entre os dias 18 e 29 de outubro de 2006;

Berger, José Paulo e

Sousa, Pedro Marquês, *in* Catálogo da Exposição “*Fortificação do Território*”, patente ao público em Elvas, em 2013, por ocasião das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas;

Ribeiro, José Galheta, *idem*;

Lobo, Francisco Sousa, *in* Revista Monumentos, IHRU, dezembro de 2007

ORGANIZAÇÃO:



REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 3



GABINETE DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DA ENGENHARIA MILITAR/DIE

APOIOS:



ESTREMOZ
município

CÂMARA MUNICIPAL DE ESTREMOZ



CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR



MUSEU MILITAR DE LISBOA/DHCM



ARQUIVO HISTÓRICO-MILITAR/DHCM



INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO



EXPOSIÇÃO



FORTIFICAÇÕES MILITARES

Quartel do Regimento de Cavalaria n.º 3,
Estremoz, 18 de setembro a 2 de novembro de 2014

FORTIFICAÇÕES MILITARES

A DEFESA DA FRONTEIRA DO ALENTEJO

**CARTOGRAFIA MILITAR DA ENGENHARIA MILITAR
PORTUGUESA – SÉCULOS XVII E XVIII**

**PLANOS-RELEVO ELABORADOS PELO GABINETE DE
ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DA ENGENHARIA MILITAR**

**ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DO MUSEU MILITAR
DE LISBOA**

ARMAMENTO/EQUIPAMENTO



1. Espada de guarda de copos de tigela, século XVII
N.º de Inventário: MML 02481



3. Chapéu de armas, século XVI/XVII
N.º de Inventário: MML 02160



2. Espingarda Lazarina, calibre 17,5 cm, século XVII
N.º de Inventário: MML 02479



4. Peito de couraça, século XVII
N.º de Inventário: MML 02157



5. Mosquete de muralha, calibre 20 mm, século XVII/XVIII
N.º de Inventário: MML 02480

UNIFORMES



1. Uniforme da Infantaria de Estremoz, 1783

PT-AHM-DIV-3-26-1-7774-22



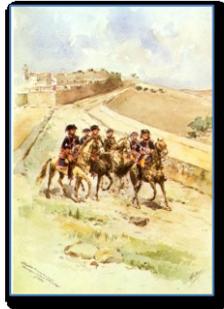
2. Uniforme da Artilharia de Estremoz, 1783

PT-AHM-DIV-3-26-1-7774-23



3. Uniforme dos Artilheiros, 1783

Arquivo Nacional da Torre do Tombo



4. Cavalaria da Praça de Elvas, Patrulha de Reconhecimento, 1762

Coronel Ribeiro Arthur, Coleção de aguarelas de Uniformes Militares Portugueses in Museu Militar de Lisboa



5. Oficial do Real Corpo de Engenheiros, 1762

Coronel Ribeiro Arthur, Coleção de aguarelas de Uniformes Militares Portugueses in Museu Militar de Lisboa



6. Soldado do Regimento de Cavalaria de Olivença, 1762

Coronel Ribeiro Arthur, Coleção de aguarelas de Uniformes Militares Portugueses in Museu Militar de Lisboa

APRESENTAÇÃO

O conhecimento da cartografia terrestre de Portugal dos séculos XVII e XVIII é ainda escasso. Os estudos de História da Cartografia Portuguesa respeitantes a esse período analisam, na maioria dos casos, os territórios ultramarinos na Ásia, na África e, particularmente, na América do Sul. O universo de mapas que sobreviveu ao tempo nos arquivos, é desigual em número, em temas, e nos espaços geográficos presentes. Foi a partir de meados do século XVII que a figuração terrestre de Portugal conheceu um especial incremento após a restauração da independência, em dezembro de 1640. Nunca como então o território foi alvo de tão detalhados reconhecimentos, com claros objetivos geoestratégicos e militares. Havia que planejar e gerir a guerra, que se prolongou por quase três décadas, até à paz de 1668.

Os reconhecimentos cartográficos não foram nem sistemáticos no tempo, nem uniformemente abrangentes no espaço. Atendeu-se, naturalmente, às áreas mais vulneráveis: as fronteiras e as cidades, que houve que fortificar. Se a fronteira marítima, por si só, exigia toda uma organização especial de defesa, onde avultavam as redes de vigias e as baterias para a vigilância e o controlo das entradas das barras dos portos mais comerciais, tão grave parecia o perigo vindo dos dominados “corredores de invasão”: Valença, Chaves, Almeida, Elvas e Castro Marim.

No entanto, e pelo facto de a menor distância entre as duas capitais ibéricas ser pela Extremadura espanhola e pelo Alentejo português, a orografia desta parte do território, com menos obstáculos que as restantes, torna-a, do ponto de vista militar, o eixo de aproximação mais “fácil”, razão porque grande parte das campanhas militares se tenha dado em ambos os lados da fronteira.

Uma grande parte das campanhas não passaram de escaramuças e razias, por parte de uns e de outros, com a destruição das defesas militares, as ocupações temporárias de localidades, a morte violenta dos habitantes, e roubos diversos. Mas aconteceram também as grandes batalhas com as quais se relacionam alguns dos mapas elaborados. O contributo dos engenheiros militares na construção e reconstrução de fortalezas, no ataque e na defesa das Praças de Guerra, nos levantamentos de campo e no desenho dos mapas foi notável e a escola cartográfica da Engenharia Militar Portuguesa foi, graças a eles, decisivamente renovada.

Nesse quadro militar e geográfico para o conjunto do território, o Alentejo é um cenário de primeiro plano. A faixa fronteiriça entre o Tejo e o Chança foi constantemente figurada em mapas, porque repetidamente cruzada e atacada pelo inimigo.

A fortificação portuguesa dos séculos XVII e XVIII, colocada várias vezes à prova numa série de conturbadas situações políticas e embora nem sempre capaz de responder às ameaças colocadas, mostrou-se, no entanto, minimamente eficaz, nomeadamente pela alteração dos pressupostos políticos para que tinham sido edificadas.

Do universo hoje existente de cartografia militar dos séculos XVII e XVIII, o Alentejo fronteiriço é o espaço português mais representado, pelas suas características geoestratégicas de espaço aberto, propício para o emprego da Cavalaria, em face das inúmeras povoações fortificadas, constituindo autênticas praças de Guerra, que abrigavam não só as populações residentes, mas também as forças militares que as defendiam, e que com elas partilhavam a mesma sorte.

Da existência e manutenção das fortificações no conjunto do sistema militar do Alentejo, bem como da força militar das suas guarnições, dependeu a sobrevivência da capital e do País.

Os documentos cartográficos que agora se expõem são provenientes do vasto acervo documental à guarda do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, da Direção de Infra-Estruturas (GEAEM/DIE).

O primeiro é um dos tesouros do acervo, um dos raros mapas impressos em Portugal no século XVII., e que foi utilizado pelos Generais portugueses nas campanhas para que tivessem a mesma base de leitura do terreno para o planeamento e controlo das operações militares.

A “*Descrição da Provincia do Alemtejo*”, de Bartolomeu de Sousa, data de 1665 e foi gravada pelos artistas Félix da Costa e João Batista, na sequência da vitória portuguesa do Ameixial, dois anos antes. No caso deste exemplar do mapa, foi acrescentado entre Estremoz e Borba o topónimo Montes Claros, óbvia referência à batalha aí travada em junho de 1665.

Completa-se o espaço dedicado à cartografia militar setecentista com a apresentação de um notável conjunto de dez plantas das localidades fronteiriças fortificadas, desde Marvão a Mértola, o qual constitui a *Colecção de Plantas das Praças do Alentejo*, de Miguel Luiz Jacob, de 1755, acompanhada das plantas das Praça de Elvas, de Estremoz, de Castelo de Vide e de Olivença, todas do mesmo autor e ano, mas não incluídas naquela *Colecção*. Tais documentos foram elaborados “*na vezita geral de 1755*”, possivelmente na sequência da reorganização do Exército de 1754, ordenada por Sebastião José de Carvalho e Melo, Ministro do Reino e futuro Marquês de Pombal.

Com base na cartografia referida, e noutra da mesma época, em trabalhos de campo e com o apoio do Instituto Geográfico do Exército, o GEAEM/DIE apresenta os Planos-relevo de 6 Praças de Guerra da fronteira do Alentejo: Elvas, Estremoz, Olivença, Vila Viçosa, Mourão e Campo Maior.

Integra ainda a exposição um terceiro núcleo dedicado ao traje militar da última metade de Setecentos, onde se apresentam os uniformes dos defensores da fronteira do Alentejo: a Engenharia Militar através de um Oficial do Real Corpo de Engenheiros, entidade à qual se deve a conceção e a construção das muitas obras de fortificação que guarnecem aquela área; através de um Artilheiro representa-se a Artilharia, Arma que, com os seus fogos, conseguia efetuar a defesa afastada das Praças de Guerra, até ao alcance máximo dos materiais; , as forças da própria cidade de Estremos: os Artilheiros e os Infantes, estes os que ocupavam o terreno e que resistiam aos ataques das forças inimigas; e ainda a Cavalaria da Praça de Elvas e os Dragões de Olivença, os quais, nos assédios, com rápidas investidas atacavam e destruíam as baterias inimigas e os seus paióis.

A exposição completa-se com um núcleo de armamento e equipamento da mesma época, proveniente do acervo do Museu Militar de Lisboa: uma espada de copos de tígela, uma espingarda lazarina, um mosquete de muralha, um peito de couraça e um chapéu de ferro.

Por Paulo Jorge dos Santos Almeida

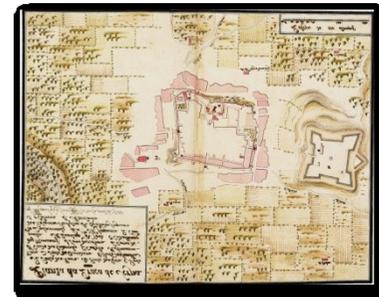
(Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar)



13. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça ou Castelo de Nodar; 1755; Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Colecção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1393-3-40-livro 1390 (DIE)



14. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Serpa; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Colecção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1398-3-40-livro 1390 (DIE)



15. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de *Mertola*; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Colecção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1397-3-40-livro 1390 (DIE)



10. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de *Jurumenha*; 1755; Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

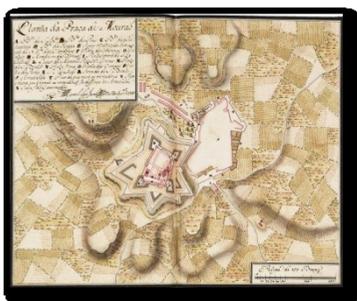
PT-GEAEM-1391-3-40-livro 1390 (DIE)



11. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de *Monçaras*; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1392-3-40-livro 1390 (DIE)



12. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Mourão; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1397-3-40-livro 1390 (DIE)

12 A – Plano-relevo da Praça de Mourão, séc. XVIII

CARTOGRAFIA



1. Souza, Bertholomeu de

DESCRIPÇÃO DA PROVINCIA DE ALEMTEJO, dedicada AO EXC^{mo} SENHOR D. LVIS DE VASCONCELLOS E SOUZA CONDE CASTELMILHOR do Conselho de Estado da Sr.^{ma} Magestade del Rey D. Afonso VI & seu escrivão da Puridade &; 1665; Escala não determinada; 1 Mapa; gravura preto e branco; 66 x 46 cm, Descrição baseada em catálogo manual; Desenho em papel vegetal, colado em papel contínuo; Natureza do documento: cartografia;

PT-GEAEM-4185-1-4-7 (DIE)



2. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Castello de Vide; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 51 x 69 cm; Livro encadernado que contém as plantas das Praças de Castello de Vide, Estremoz e Olivença; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel Villedary, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações;

PT-GEAEM-1401-3-40-própria (DIE)



3. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Marvão; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1396-3-40-livro 1390 (DIE)



4. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Arronches; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-7-30-40-livro 1390 (DIE)



7. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Olivença; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 50 x 69 cm; Livro encadernado que contém as plantas das Praças de castelo de Vide, Estremoz e Olivença; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel Villedary, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1403-3-40-própria (DIE)

7 A – Plano-relevo da Praça de Olivença, século XVIII



5. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Ouguela; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1394-3-40-livro 1390 (DIE)



8. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Estremoz e seus contornos com as obras q. se projectarão na vezita geral de 1755 na forma das ordens; 1755; Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 51 x 69 cm; Livro encadernado que contém as plantas das Praças de castelo de Vide, Estremoz e Olivença; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel Villedary, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1402-3-40-própria (DIE)

8 A – Plano-relevo da Praça de Estremoz, século XVIII

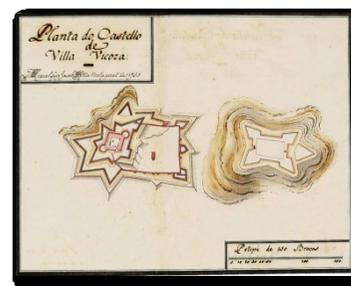


6. Jacob, Miguel Luiz

Planta da Praça de Elvas, na vezita geral de 1755; 1755, Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 51 x 67 cm; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Marca de água I. Villadary; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações;

PT-GEAEM-1608-1A-14-19 (DIE)

6 A – Plano-relevo da Praça de Elvas, século XVIII



9. Jacob, Miguel Luiz

Planta do Castello de Villa Vicoza, 1755; Escala não determinada; 1 Documento; colorido; 41 x 50 cm; Coleção de plantas das praças do Alentejo por Miguel Luis Jacob, Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenheiro; Descrição baseada em catálogo manual; Menção de responsabilidade segundo assinatura; Em papel, colado em pano; Natureza do documento, segundo classificação definida pela DIE: fortificações

PT-GEAEM-1399-40-livro 1390 (DIE)

9 A – Plano-relevo da Praça de Vila Viçosa, século XVIII

